

## CAPÍTULO 3

### SEGREDO

Terra – América do Sul – Cidade de Cristo – Residência dos Enllux.

Gabriel, Senji e Izabell se encontravam em sua moradia, próxima ao portão da cidade. A casa era tingida de azul e branco, a entrada era decorada com um belo jardim de flores, colorido e cheio de vida, e um caminho de pedras partia da porta principal.

O interior da residência mantinha o mesmo padrão de cores do exterior, o ambiente era bastante iluminado, a luz provia de pequenas aberturas circulares no teto. Pelas paredes estavam os inúmeros porta-retratos da família, registrando alguns dos momentos de suas vidas.

A planta da casa contava com a sala, e, entre ela e a cozinha, uma pequena área para refeições com apenas uma mesa. Já a cozinha continha todos os eletrônicos mais básicos que se podia encontrar em uma.

Partindo da sala de refeição, alguns degraus levavam ao andar de cima, contendo o banheiro, a lavanderia e, em cada ponta do segundo andar, dois quartos: um que pertencia ao casal e outro para Gabriel.

A família estava na área de refeições, todos sentados à mesa, desfrutando da comida feita por Izabell e curtindo o momento juntos, com risadas e sorrisos. Senji contava as histórias da sua jornada e, com muita atenção, Gabriel escutava, encantado.

— Quanto mais adentrávamos a floresta, mais mutantes apareciam, era uma infestação deles, alguns chegavam a quase cinco metros! – ele descrevia a situação. — Os cavaleiros da Signios foram incríveis, eles acabaram com todos facilmente! Eu não pude fazer muito, mas pelo menos a cabeça de dois ou três eu levei com golpes certos! – gabou-se.

— Parece que foi bem emocionante – comentou Izabell.

— Continue! – pediu Gabriel, empolgado. — Como é lá fora?! Como eram os monstros?! O que vocês encontraram dentro do templo?!

— Vai com calma, desse jeito você vai engasgar com a própria saliva – brincou Izabell. — Sei que tá muito animado, mas já é tarde, é hora de ir pra cama, você tem aula amanhã cedo.

— Mas já?! Eu quero continuar ouvindo a história!

— Relaxa, parceiro! Se eu contar tudo hoje, não vamos ter histórias pra amanhã. Você teve um dia longo hoje, e o papai também tá cansado – acariciou a cabeça do pequeno. — Prometo continuar amanhã!

— Tá bom, já que não tem jeito – mesmo aborrecido, acabou se conformando. — Boa noite, pai – abraçou Senji, que o abraçou de volta.

— Boa noite, filho, e bom descanso.

— Boa noite, mãe! – a abraçou também.

— Boa noite, meu lindo – lhe deu um beijo. — Não é pra ficar brincando até tarde no seu quarto, depois você dá trabalho pra acordar!

— Tá bom, eu já sei! – sem mais delongas, ele subiu as escadas, indo para o seu quarto.

O casal se levantou, retirou a mesa e, após organizarem tudo, subiram para o quarto. De um lado, um enorme guarda-roupas, no outro, um pequeno compartimento na parede pendurava dois uniformes brancos, além de equipamento e armas. Senji guardava um par de espadas, junto ao presente que lhe foi dado por seu mestre.

— Já terminou de se organizar? – indagou Izabell, que o esperava deitada sobre a cama.

— Acho que sim – espreguiçou-se. — Estou muito cansado – bocejou.

— Eu imagino. Deve ter sido bem estressante.

— E como... – deitou-se ao lado da amada. — Mas agora não importa mais. Estou em casa!

— Só me pergunto quanto tempo ainda vai ficar... – demonstrou certa tristeza. — E quanto tempo vai ficar fora.

— Depende do quanto a Signios vai demorar em dar uma resposta. Pode demorar dias, até meses. Mas é difícil dizer quando vou voltar.

— Parece que terei que me acostumar com sua ausência – suspirou. — Vai ser difícil pro Gabriel. E essa foi a viagem mais longa que você fez. Ele já se acostumou com a ideia de tê-lo ausente por algumas semanas, ou meses, mas se for aceito na Signios, não vai poder voltar tão cedo.

— Eu sei, mas você sabe que tenho que ir. Pra quando chegar a hora... – os olhos foram preenchidos por profunda aflição.

— Kazékiu contou pra você... Sobre o braço?

— Ele só disse que as mudanças tinham começado, sem entrar em detalhes, mas suspeitei assim que Gabriel falou sobre as dores que sentia. Logo não vamos mais poder esconder.

— Suponho então que vocês tiveram a mesma conversa de sempre... — o rosto de Izabell demonstrava aflição e medo. — Não estou preparada pra deixá-lo ir, pra me separar dele.

— Fique calma. Pode levar anos até que eles o levem.

— Acho que nunca vou tá preparada pra esse momento. Como se não já não bastasse... — por um momento, uma pontada de ódio invadiu-lhe a face. — Não vou conseguir passar por isso.

— Fique tranquila — acariciou-lhe o rosto. — Eu sei como se sente, e é por isso que vou estar lá pra recebê-lo, pra estar ao seu lado. Por mim, ele jamais se envolveria nessa guerra, mas não está em nossas mãos tomar essa decisão. É algo que ele vai acabar decidindo por conta própria.

— E ele tem demonstrado cada vez mais interesse em se alistar.

— Bem, se você realmente quisesse poderia retornar ao seu posto, mas eu não gosto muito da ideia de vê-la no campo de batalha. Não acho que é errado você ficar aqui vivendo em paz e em segurança.

— Também sou uma guerreira, Senji, já tive em incontáveis batalhas. E sabendo que o meu filho e o meu marido estarão lutando e arriscando suas vidas, como eu poderia ficar aqui, sem fazer nada?!

— Mesmo assim, não quero te ver ferida. Se algo te acontecesse... Eu não seria capaz de me perdoar!

— Pare de me tratar como se eu não pudesse me defender. Eu também quero continuar perto dele, mesmo que tenha que voltar pra guerra!

— Desculpe... Estou apenas preocupado com vocês.

— Já estou acostumada... — ela sorriu por um instante.

— O mais importante agora é contar pra ele a verdade. Em poucas semanas quando ele tirar a atadura, ele vai ficar bastante confuso e assustado. Não podemos evitar que sinta isso, mas pelo menos podemos confortá-lo e explicar a situação.

— Você tem razão, mas me dê um pouco mais de tempo.

— Eu vou tá do seu lado nessa hora. Você tem todo o meu apoio – ele pareceu distante por um instante, lembrou-se de algo que o deixou frustrado de alguma forma.

— O que foi? – ficou preocupada.

— Não é nada... É só que... Às vezes acabo lembrando que nunca vou poder tomar o lugar *dele*, apesar de todos esses anos juntos.

— Pare de dizer isso! – ela se enfureceu. — Nós já conversamos muito sobre isso, e você sabe que eu te amo, Senji! A história que eu tive com ele é algo que nunca vou esquecer, mas é você quem esteve ao meu lado todos esses anos. Foi você quem me apoiou, me ajudou a superar a crise que passei naquela época, e acima de tudo, é o pai de Gabriel.

— Me perdoe. É que vocês foram separados contra sua vontade... Isso sempre me incomodou, mas eu não tenho dúvidas sobre os sentimentos que nos une. Eu também te amo muito, e sempre amarei, aconteça o que acontecer, sempre estarei do seu lado.

— Você é o homem com quem me casei. Por quem jurei amor eterno, e eu espero que nunca se esqueça disso – eles aproximaram seus rostos.

— Jamais esquecerrei... – se beijam.

Do outro lado do segundo andar, Gabriel encontrava-se em seu quarto, sentado próximo à porta.

— De novo esse assunto... – sussurrou pra si. — Quando é que vão me contar? – questionou-se, enquanto desfazia a atadura no seu braço. — Eu quero saber, o que tá acontecendo comigo! – esboçou angustia, algumas lágrimas caíram de seus olhos.

O garoto havia escutado a conversa entre seus pais, apesar da distância entre os dormitórios. Quais segredos seus pais escondiam?

A projeção da cúpula mudou, tornando-se um céu escuro e estrelado.

---

Em algum lugar do universo – Desgárria, a Fortaleza dos Lowders.

Garougo estava no hangar da fortaleza, havia naves de diversos tamanhos e formas. O jovem lowder preparava alguns de seus equipamentos, prendeu nas costas sua espada embainhada, em seu pulso esquerdo colocou um bracelete dourado, e por último, ajustou sua armadura.

— Perfeito! Essa missão vai ser fácil! – convencido.

— Você está muito confiante, Garougo, tome cuidado pra não subestimar seu alvo – disse uma voz feminina, vindo de algum lugar.

— Senhorita... – agiu com calma e naturalidade. — São apenas humanos, não tenho porque temer, mas se você diz pelos cavaleiros Signios, acredito que posso lidar com alguns deles.

— Realmente... Mas você não pareceu muito satisfeito em ser enviado sem uma explicação. Até questionou seu pai...

— Não o questionei, queria apenas saber o objetivo dessa missão. Não faz sentido atacar humanos, agora que estão em extinção. O que vamos ganhar eliminando uma pequena concentração dessa raça insignificante, que valeria o risco de entrar no território protegido pela Assembleia? O que ele quer é declarar guerra contra eles? Pensei que não fossemos enfrentá-los ainda... – tinha muitas dúvidas.

— Se você for até lá, terá a resposta que está procurando.

— Você está envolvida nisso, não é mesmo?

— Talvez eu te conte, quando voltar – riu.

— Não vou insistir... De qualquer forma, eu estava ficando entediado! Nunca tive a oportunidade de matar humanos! Será divertido!

— Faça uma boa viagem. E divirta-se... – depois de uma risada cínica, a voz se calou.

Garougo se reuniu com seis soldados lowders, todos esperavam diante de uma pequena nave, de forma esférica.

— Atenção! – gritou, os soldados se alinharam um ao lado do outro, assumindo uma postura padrão. — Hoje os senhores terão uma pequena experiência em campo! Eu os escolhi para me acompanharem em minha missão no Éden, onde iremos caçar e exterminar uma pequena agrupação de seres humanos! Mas estejam cientes que vamos estar dentro do território protegido pelos cavaleiros da Signios! Como Aspirantes, o nível de suas auras não deve chamar muita atenção, então, estão livres pra usar todo o seu poder! Entendido?!

— Sim, senhor! – responderam em conjunto.

— Lembrem-se, a N7 é uma nave que serve apenas para uma viagem, pra voltar, precisarão ativar seus Styx, mas apenas quando eu ordenar! – apontou para o bracelete dourado em seu pulso esquerdo. — Recuar não

é opção, a menos que seja a minha decisão! Sua função é matar quantos puderem, mas se necessário, serão também escudos, iscas, distração! O importante é que não permitam nenhuma interferência! Entendido?!

— Sim, senhor!

— Suas vidas são preciosas! E como lowders, devem honrar o sangue que corre em suas veias! Pra cada morte pelas mãos de seres inferiores, o orgulho de nossa espécie é manchado, e pisoteado! Então, não sejam derrotados, e não morram! Entendido?!

— Sim, senhor!

— Honra ao Império Lowder, e vida eterna ao Imperador! – urrou.

— Somos os soldados que purificarão o universo! Somos portadores do sangue divino, e reclamaremos a soberania sobre todos os impuros! – os soldados declararam juntos, como um coro.

— Muito bem! Vamos! Temos trabalho a fazer!

— As suas ordens, Comandante Garougo!

Garougo e os seis soldados adentraram a pequena nave. Partiam em direção ao planeta Terra.